

## COLOCANDO O ÓCULOS: APONTAMENTOS SOBRE O VESTIR EM NORDESTE FUTURISTA

Sorbille, Lara Victoria de Moraes; Mestranda;  
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), laravsorbille@gmail.com<sup>1</sup>  
Acom, Ana Carolina; Doutora;  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); ana.acom@unioeste.br<sup>2</sup>

Grupo de Pesquisa História da Arte e Cultura de Moda (CNPq/UFRGS)

### RESUMO

O Nordeste é historicamente representado pela literatura e o cinema brasileiro a partir da estética da seca, da fome e da precariedade. Quando saímos das praias paradisíacas e buscamos o sertão, muito do que se apresenta deste território é mais uma comparação com o deserto, uma eterna busca pelo desenvolvimento e uma promessa disto vinda do eixo sul-sudeste (Costa, 2022). Nesta “tradição” estética disseminada, muitas vezes, a corporalidade masculina do sertanejo é reduzida à uma palheta de tons terrosos que compõem roupas laborais e chapéus de palha. Esta pesquisa, procura enfatizar estéticas outras, também existentes, que compõem o universo do nordeste ou sertão, pois é necessário retirar o filtro sépia quando nos referimos a essa região e toda sua diversidade.

Luana Flores<sup>3</sup>, brincante, DJ, beatmaker, produtora, compositora, mulher sapatão paraibana, faz o exercício de apresentar outra visão de sua terra e, com os pés bem firmados no presente, reivindica o Nordeste Futurista. Seu álbum visual, *Nordeste Futurista*, foi lançado em 2022, é uma peça audiovisual de 18 minutos que apresenta uma narrativa através de cinco faixas provenientes do EP de mesmo nome do ano anterior, uma faixa bônus, e uma cena pós-créditos. Nessa narrativa, somos levadas junto à cantora a uma outra representação deste território, que agencia elementos visuais tradicionalmente vinculados à ficção científica com indumentárias tradicionais do Nordeste.

O presente trabalho destaca as duas primeiras canções da obra citada, *Eu Vem* e *O que Vem Ver*, que apresentam desde a estética urbana da capital João Pessoa, assim como a estética rural do quilombo Gurugi, chegando em um discurso contemporâneo sobre a atualidade. A direção de arte da produção é assinada pela “poeta audiovisual” Curva de Ryo. Nesta apresentação serão analisados elementos fundamentais para a narrativa

<sup>1</sup> Bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), mestranda no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos na UNILA (2023). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Roteiro de Documentário, Linguagens Multimídia e Video-performance.

<sup>2</sup> Doutora em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Atua como docente nas disciplinas de Filosofia da Unioeste/Campus Foz do Iguaçu, e também como docente e pós-doutoranda (Capes) no Programa Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (PPGIELA/UNILA).

<sup>3</sup> [instagram.com/nordestefuturista](https://www.instagram.com/nordestefuturista)

proposta por Luana e por Curva, como os óculos de realidade virtual que são utilizados e relidos durante toda obra, da mesma maneira que as misturas de referências que se dão nos chapéus de palha de aço, corpos futuristas com rosto de tecido de chita, macacões prateados e um desfile de quilombolas vestindo “roupas de santo”.

Partiremos de uma introdução aos contextos representados, utilizando a teoria de Fabio La Rocca (2023) para refletir sobre a urbanidade de João Pessoa e Cícero da Silva (2014) para apresentar o contexto do quilombo Gurugi, trazendo também Antonio Bispo dos Santos (2023) para abordar as diferenças de modos de vida em ambos os espaços. As referências ético-estéticas nordestinas serão a princípio guiadas pelas reflexões de Ana Acom sobre o vestir dos cangaceiros (2023), e sobre a assimilação das estéticas futuristas espaciais no contexto pandêmico (2021).

**Palavras-chave:** Nordeste Futurista; Álbum Visual.

